

ENTREVISTA / INTERVIEW

Prof.^a Dr.^a Fernanda Flaviana de Souza Martins: “estamos na mesma sociedade, ganhamos com a cultura um do outro, com a vivência um do outro.”

Prof.^a Dr.^a Fernanda Flaviana de Souza Martins: “we are in the same society, we gain from each other’s culture, from each other’s experience”

Por: Maura Oliveira de Oliveira¹

Doutora em Psicologia pela PUC Minas (2014), bolsista CAPES/PROSUP. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), realizando estágio em Paris/França na Université Cergy-Pontoise. Mestre em Psicologia pela PUC Minas, especialista em violência doméstica pela Universidade de São Paulo - USP, possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997). Recebeu a medalha da Inconfidência Mineira em 2016 pelos trabalhos sociais na área da infância desenvolvidos em Minas Gerais. Atualmente é Diretora da Providens - Ação Social Arquidiocesana, onde recebeu os prêmios de Gestão e Transparência ENATS 2019, Melhores ONGs 2018 e 2019, e certificado internacional PHOMENTA de Gestão. Tem participação em diversos conselhos, movimentos e fóruns, com destaque para: - Conselheira do CONFOCO (Conselho Municipal de Fomento e Colaboração de Belo Horizonte - Gestão 2017-2021); - Vice-presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Gestão 2019-2020); - Membro do Grupo de Trabalho Nacional Conexões (2018-2019) e faz parte do Movimento Nacional Pró-Convivência Familiar e Comunitária (Desde 2004). Professora do departamento de Psicologia e Assistência Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e atual Diretora da Providens - Ação Social Arquidiocesana, de Belo Horizonte. Ela nos conta um pouco de sua vasta experiência, nesta entrevista concedida a **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**.

¹ Jornalista, Mestre e doutora em Letras (PUC Minas). Ex-professora da PUC Minas (Faculdade de Comunicação e Artes /FCA).

Maura Oliveira – Por favor, dê-nos uma panorâmica dos setores trabalhados pela Providens.

Fernanda Martins - Crianças, idosos, gente vulnerável de todas as idades e condições sociais são os sujeitos das ações da Providens, cujo objetivo maior é cuidar dos que sofrem injustiça social e precisam de apoio, oportunidades e suporte, na busca de dias melhores ou de sua própria “redenção”, como seres humanos e cidadãos. As atividades desta Instituição beneficiam desde crianças recém-nascidas a idosos de mais de 100 anos. A instituição, há 70 anos, vem participando ativamente da vida da cidade e da Região Metropolitana de Belo Horizonte, sendo responsável pela formulação de muitas políticas públicas que beneficiam toda esta região.

Maura Oliveira – Você está desde quando na direção da Providens?

Fernanda Martins – Minha gestão da começou em 2018 e intensificou-se num dos períodos mais difíceis atravessados pelo mundo: o da pandemia de COVID-19, que desestruturou muitos lares - já atingidos por questões estruturais - no Brasil e em Belo Horizonte, como o desemprego, a violência, a falta de perspectivas de vida.

Maura Oliveira - Cuidar e proteger são linhas de ação mestras da Instituição. Fale-nos um pouco disso.

Fernanda Martins - A ação da Providens está dimensionada no sentido de prevenir quaisquer situações negativas em relação a crianças e adolescentes e de assisti-los quando são alvos de violência, social e doméstica, o que é feito pelo programa Família Acolhedora que mantemos. O programa conta, hoje com, 60 famílias que acolhem as crianças ou os adolescentes em situação de vulnerabilidade e precisa de apoio. Eles vão para uma casa, ao contrário de antigamente, quando eram direcionados a abrigos e instituições, sem qualquer ação mais protetiva, diante da violação sofrida. Na Família, uma equipe da Providens os acompanha e tenta fortalecê-los, bem como à família de origem, uma família extensa, para que, superada a dificuldade do momento, possam voltar aos seus lares, numa situação melhor, e ali permanecer.

Quando os problemas são muito graves, e não há condição de retorno ao lar, as crianças e jovens são encaminhados aos serviços de adoção. Hoje, em torno de 2000 crianças são assistidas pela Providens, em atividades que visam prevenir qualquer forma de violência - o que não é fácil, numa sociedade que naturalizou o tapa no rosto, a palmada e, até o espancamento, como formas de “educar” os filhos,

esquecendo-se de que “violência gera violência”. Assim, uma das linhas de ação é a divulgação e o debate, com pais e responsáveis, do ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente** (1990)² –, esclarecendo-lhes a razão de ser de cada dispositivo e a importância de observá-los, com atenção, no dia a dia de convivência com os filhos e menores.

Sempre lembramos que o artigo mais importante do ECA é o quarto: ele afirma que é dever do Estado, da família e da sociedade fortalecer a criança, protegê-la e propiciar-lhe condições estáveis de vida nos âmbitos da educação, da habitação, da cultura, da alimentação e, sobretudo, no direito à convivência familiar e comunitária saudável. Por isso, várias formações são feitas, tanto no campo humano como no da cidadania e da sexualidade para as Famílias Acolhedoras, as famílias de origem, as crianças e os jovens, para que tenham um desenvolvimento saudável.

A criança aprende que o seu corpo é importante e os cuidados que deve ter com ele, que ele lhe pertence e que ninguém pode tocá-lo de modo inadequado e sem o seu consentimento e que não podem ser vítimas de qualquer violência. Para a equipe da Providens, o quarto artigo é um ponto de partida para dizer a crianças e jovens que são *sujeitos de direitos* e procedem da mesma forma em relação às diferentes famílias. Há espanto dos pais diante da proibição de bater nos filhos, já que entre nós esse tipo de violência foi naturalizado e banalizado. Quando debatemos esse ponto com as famílias, diante de seu estranhamento, procuramos mostrar-lhes que podem ter com crianças e adolescentes uma relação de maior vínculo, de mais afeto, diálogo, de abraço, de acolhimento dando às mãos nova função; o processo de mudança é muito impressionante.

Hoje temos mais de 820 famílias sendo acompanhadas pelo Projeto Providência, algumas com vínculos muito vulneráveis, os quais estamos conseguindo fortalecer, mudando a forma de enxergar as suas crianças, a vê-las como um patrimônio, como pessoas e sujeitos de desenvolvimento. No convívio com as famílias, o artigo 18 do ECA comanda, é preciso ser radical, para banir a violência doméstica, quebrar paradigmas e mudar a nossa sociedade para uma cultura de paz, na qual a violência faça, parte do passado. Esta é uma utopia, um sonho, que nos inspira e nos dá coragem para ir em frente. Violência não é normal. Vamos usar nossas mãos para proteger, para afagar, para acolher, pois

² O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal, define as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e do Estado. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>.

isso é muito mais gostoso e respeitoso do que um puxão de orelha e o terrível tapa na cara, que humilham e degradam. Temos certeza de que, criadas assim, elas vão reproduzir tais atitudes e virar a página da violência no futuro.

Maura Oliveira – Quais são as principais regiões de atuação da Providens em BH?

Fernanda Martins - As principais regiões de atendimento do Projeto Providência são as comunidades de Nova Alvorada, Aglomerado da Serra e Taquaril regiões periféricas de Belo Horizonte, com uma presença preocupante do tráfico de drogas e fraca presença do Estado. Muitas famílias vivem abaixo da linha de pobreza, passam fome, e suas crianças vão às atividades do Projeto só para comer. Essa é uma dificuldade que as equipes de educadores precisam enfrentar, porque a gente não quer só isso; queremos servir-lhes de ponte para uma vida melhor, para um futuro de esperança e realizações. Pontes para que elas possam sonhar e desenvolver habilidades e capacidades para ser pessoas melhores e poderem ir atrás dos seus sonhos de ser profissionais daquilo que desejarem.

Nesse sentido, a PUC Minas tem sido uma forte aliada. Pela PUC, já passaram 450 jovens aprendizes e muitos estão a caminho. Ali alguns deles se tornaram funcionários, outros tiveram seus ideais estimulados e estão matriculados em cursos superiores. Jovens que, muitas vezes, moram em casas de madeirite ou de lona, mas que estão estimulados pelo ambiente a lutar pelo que desejam, com toda a coragem, Muitas vezes, a Universidade nem sabe das condições de vida deles, mas estão lutando por uma vida melhor. É uma alegria, para nós, esta parceria com a PUC, por acolher esses jovens e contribuir para transformar suas vidas. Eles que, do contrário, estariam esquecidos, desconhecidos e frustrados, porque moram longe, porque tudo lhes é difícil e, porque, às vezes, nem um sapato direito têm para vir as aulas. Através do Jovem Aprendiz, dentro da PUC, esses meninos tiveram carteira de trabalho assinada, muitas vezes, a primeira da família e estão cheios de esperança. Temos muita gratidão por tudo isso. Nada é mais importante do que dar a quem quer, e precisa crescer, uma oportunidade.

Maura Oliveira– como tem sido o trabalho com os adolescentes?

Fernanda Martins - Os adolescentes nunca foram esquecidos pela Providens. Frágeis, merecem atenção especial da equipe, porque se você não pega o menino, o tráfico pega. Nas áreas atendidas, a pobreza é extrema e os adolescentes estão em situação de alta vulnerabilidade, com o tráfico de drogas

à porta. No Taquaril, muito estão vivendo abaixo da linha de pobreza. O Providens promove a inserção deles no programa de Jovem Aprendiz, articulado com a PUC, e oferece a realização de cursos para ajudá-los no mercado de trabalho, como o de empregabilidade, ensinando-lhes desde a postura numa entrevista de emprego, até a fazer um bom currículo, procurando orientá-los em atividades autônomas, fortalecendo-os.

Em Justinópolis, área de grande índice de homicídios de adolescentes, e em todas as áreas, trabalhamos a questão do primeiro emprego, da formação humana, e oferecemos cursos de atividades autônomas que eles podem fazer até conseguir empregar-se. Recentemente formamos um grupo de grafiteiros, cujas produções foram publicadas em livro, deixando-os com a autoestima elevada; vivenciaram a arte como fator de inclusão social, de valorização pessoal e social. É um caminho que vimos trilhando. A experiência com os grafiteiros foi super importante e contamos com grande apoio da professora Sandra Freitas e da PUC Minas. Nós começamos em 2016 a pintar a cidade, com grandes painéis, lá nas comunidades. Foi muita alegria.

Quando cheguei à Vila Maria, o padre Mário, que ali trabalhava, tinha criado esse projeto potente, lindo: o Providência. Inspiro-me muito nele, até hoje. Ele era, além de padre, um empreendedor social muito forte, um gestor social de primeira ordem. Faleceu, mas deixou uma herança bonita. Quando cheguei, os meninos ficavam na pracinha, das três unidades, como que nos “assuntando”. Por todo lado havia pichações. Entendo que a pichação é um grito, uma forma de dizer “não, não estou satisfeito por aqueles que não têm voz. Então procuramos dar um sentido a tal manifestação e o grafite ocupou o espaço de criação. Se eu não tenho um lugar de fala, eu me manifesto nas brechas que vou encontrando”. O grito deles foi “ouvido”. Primeiro vieram os líderes com seus cabelos vermelhos, rosa, verde. E eram muitos. Algumas pessoas nos diziam: “Você é louca, este povo mata!” Mas aquilo foi muito lindo. Fico até emocionada, pois a capa de meu último livro foi criada pelo Binho, um dos líderes.

Maura- E como isso começou?

Fernanda Martins - Inicialmente pintamos dependências do Projeto. Vimos que o grafite é uma arte de inclusão social de apelo forte, uma forma de expressão dos jovens, assim como o hip-hop. Então fizemos um evento trazendo grafiteiros de São Paulo de outras comunidades. Com o material produzido, surgiu o nosso livro de grafite, que foi o primeiro registro de valorização dessa produção

cultural em âmbito nacional. Foi muito lindo e tão marcante, que eu comemoro, pessoalmente, todo mês, esta data e nossa primeira reunião com os meninos, porque o nosso livro resultou disso, de uma relação de violência que se transformou numa relação de paz, através da arte.

No grupo havia dois jovens que queriam estudar. Todos os dias, eles andavam distância enorme, mas passaram a frequentar nosso cursinho na Fazendinha e se engajaram na luta real por melhores dias. Para quem não tinha esperança, a jornada de 2016 a 2023 mostra grandes conquistas: um dos jovens se formou e me entregou o seu diploma de jornalista! Hoje ele trabalha comigo na Providens. Neste ano ou no próximo, o outro se forma em Direito. Eles abriram a porta para a realização de muitos sonhos. Sou muito grata à PUC Minas, que é parceira neste campo. Hoje temos muitos jovens no mesmo caminho desses dois. Eles são muito queridos por nós: voaram e estão levando muita gente atrás deles, sonhando também.

A primeira vez que eu trouxe os meninos à PUC, eles rolaram na grama, felizes, mas não sabiam que também tinham direito à Universidade, que podiam aqui entrar, ser alunos. Nós dissemos para eles que, se quisessem e se esforçassem, ali podiam trabalhar, estudar e transformar suas vidas. Acreditaram. Que todos, um dia possam sonhar como eles e transformar, também a sociedade.

Maura Oliveira – Quais são, hoje, as principais atividades artísticas, que vocês desenvolvem, de estímulo a essas crianças e jovens?

Fernanda Martins – São várias e é um trabalho muito lindo e que convido todas as pessoas a conhecer de perto. Temos atividades de circo, teatro, orquestra sinfônica, de várias modalidades esportivas como vôlei, futebol, xadrez, judô, capoeira, dança. O Projeto Providência é um lugar vivo; quando a criança chega lá ela quer ficar porque ali encontra não só um prato de comida, mas também alimento para a alma, oportunidades de desenvolver múltiplas habilidades como: trabalhos manuais, música, artesanato e fotografia. Temos oficina de fotografia, em conjunto com a PUC. São muitas coisas que fazemos para a criança e jovem terem vontade de ficar conosco e é muito bom poder proporcionar-lhes tudo isso.

Maura Oliveira – Há alguma atividade voltada para a inserção positiva desses jovens nesse mundo digitalizado em que vivemos?

Fernanda Martins - Com certeza. Sabemos que toda criança é única; então procuramos ver, identificar em cada uma que atendemos suas tendências, facilidades e dificuldades. O mundo digital, para muitos, é difícil, porque gera angústia. Nós enfrentamos isso nos planos individual e das famílias. O nosso Projeto Elos trabalha as famílias, e a gente trabalha com adolescentes. Essa angústia levou ao aumento dos suicídios, aumentou muito a ocorrência de depressão e de queda da saúde mental. Os desafios do mundo atual não são fáceis de enfrentar. E exigem que estejamos sempre ali, ao lado dos jovens, para dar-lhes força. Em relação ao mundo digital, trabalhamos com eles a questão da sexualidade da formação humana e, também, do acesso responsável às redes sociais. Infelizmente, neste campo, há muitas coisas negativas. A tecnologia é muito importante a partir do momento em que se saiba utilizá-la adequadamente ou se possa fazê-lo. Entre nossos jovens, a pobreza é real: muitos ficaram sem escola na pandemia, muitos ficaram sem acesso à internet e perderam o ano escolar. Hoje, buscamos suprir essas carências: temos nas bibliotecas computadores que eles podem usar e acessar conteúdos importantes.

Maura Oliveira – Você falou em suicídio de jovens, que eu acho extremamente dramático, mas é um fenômeno observável também em países desenvolvidos, com boas escolas e qualidade de vida. Lá, uma das causas é a falta de espaço para criar, já que tudo lhes parece estar pronto. Aqui, o que tem sido a causa motivadora?

Fernanda Martins - Nós temos grupos de jovens, nas unidades, que estão recebendo atendimento e sentimos que esse problema está melhorando. Estou lançando um livro aqui na PUC, sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na vida de crianças e jovens nas comunidades, que fala disso. Foram 307 estudos que eu fiz com famílias e não sei como elas sobreviveram a tanta dor, porque não tinham sequer o que comer. Ter fome é muito violento. É muito forte sentir fome. Só quem sente fome sabe. Eu digo que, inexplicavelmente, essas famílias sobreviveram. Eu reconheço a força das mulheres nesse processo. Na maioria, eram famílias monoparentais femininas, onde a mulher era tudo. O homem, o pai sumiram. Havia uma mulher empobrecida, com fome, cuidando de sua cria. Eu estudei profundamente a violência na Psicologia e sei que, quando se tem fome acaba-se caindo em um estado de apatia social no qual não se consegue, sequer, cuidar de si mesmo. Como se pode cobrar dessa mulher, dessa mãe, que ela cuide de outros se ela não está dando conta de si? Precisamos ser mais generosos, ter mais empatia com o outro para perceber a necessidade dele e saber dos seus

limites. Nos meus estudos com crianças vítimas de violência, percebi que, mais importante do que o alimento físico é o alimento da alma, que é a nutrição afetiva. Ela incide sobre o cérebro da criança, tem maior impacto no desenvolvimento infantil de um ser humano do que a própria comida. Com a falta de alimento, com o agravamento do desemprego e vários outros fatores, a pobreza deixou as famílias ainda mais fragilizadas e perdeu-se a esperança. E isto é muito triste: ver adolescentes e até crianças sem brilho no olhar, sem força pra viver e seguir adiante. Temos, portanto de fortalecer essas famílias.

A Providens alimentou muita gente na pandemia; foram toneladas e toneladas de alimentos. Por vezes criticaram-nos dizendo ser assistencialismo. Como? Se a pessoa não tem o básico para viver? E lá está no ECA e na Constituição Federal de 1988 o direito ao alimento. Em nosso País, muita gente ainda passa fome e esse direito é violado o tempo todo. Isso vai incidir negativamente na vida das pessoas, levando-as a perder a vontade de viver, muitas vezes.

Maura Oliveira – Isso é mesmo terrível. O que você destacaria de todo o trabalho desenvolvido, especialmente na pandemia, mas também fora dela, no cotidiano da instituição?

Fernanda Martins – Olha, o que a Providens tem de melhor são as pessoas. Eu destaco a equipe da Providens, porque, muitas vezes, chegam os elogios e eu sempre digo, para todo mundo: “Não sou eu a merecê-los; somos nós”. Somos ali educadores, professores, assistentes sociais, psicólogos, muitos rostos, muitas histórias, pessoas que estão conosco todo dia e se entregam a essa missão que é fazer mais e melhor para as outras pessoas. O que temos de melhor na Providens são elas. A nossa riqueza maior são as pessoas que cuidam do outro, que dão no seu dia a dia, a sua vida àquele trabalho social. Não é só pelo salário, elas se dedicam muito mais ao que fazem, não estão ali só por ele. É claro que precisam de renda para sobreviver, ter dignidade.

Então, a Providens aposta na gestão social que se traduz no fortalecimento de cada coordenador, de cada pessoa, da cozinha, limpeza, da administração, da portaria, porque todos são iguais, peças-chave para que, juntos, a gente dê conta de enfrentar todas as questões sociais que perpassam aqui, pelo nosso cotidiano. Se não for todo mundo junto, não há como cuidar bem de uma criança, cuidar de um idoso; a gente não dá conta. A Providens aposta na comunicação e na formação. na comunicação efetiva com a equipe e no fortalecimento dela. Somos humanos e, como tal, podemos errar, podemos cair, levantar, mas estamos sempre juntos, ninguém solta a mão de ninguém. E isso resulta em alegria no trabalho e convivência, não só aqui, mas também com nossos parceiros, como a PUC, a Sociedade

Mineira de Cultura, e a professora Sandra Freitas, que são parte disso. Os alunos da PUC, os voluntários todos se somam a esta alegria de estar juntos porque vemos o impacto social positivo na vida das pessoas. Eu acho que é isto que nos move hoje: o impacto visível que a gestão social da Providens tem na vida de cada pessoa. A gente não vê obstáculos, não vê muitos “não”, são mais “sim” e eu acho que a equipe comprou essa ideia. Acho que é isso.

Maura Oliveira – Um antropólogo disse, certa vez, que a humanidade se manifestou no indivíduo no momento em que um cuidou do outro. Ele observou um fóssil em que um homem apresentava uma fratura cicatrizada, indicando que alguém cuidara daquela criatura. Ou seja, é o cuidado que marca a transição da barbárie à civilização. Tem mais algum ponto que você gostaria de detalhar do trabalho da Providens?

Fernanda Martins - Para mim, hoje, nós da Providens temos esse cuidado de que você falou, é cuidar um dos outros, cuidar de nós mesmos. Temos trabalhado muito nessa questão da humanidade das pessoas. Eu acho que é muito importante no social compreendermos que nós somos humanos, que a Fernanda não vai dar conta de tudo, que o Fulano também não vai dar. É a união da potência que cada um tem de melhor que vai fazer a diferença para que possamos, de fato, apoiar. Pena que o que fazemos ainda é muito pouco. Precisamos ampliar. Há muitas mazelas em nossa sociedade, muitas situações difíceis, mas também há muita esperança. Essa força faz com que um vá chamando outro e é com esta união que vamos mudar a sociedade. Tenho ainda muita esperança e muita fé em dias melhores. Eu me renovo a cada dia. Acabei de chegar de um encontro com jovens que trabalham na PUC Minas e isso me motiva a continuar: poder ver essa transformação. Milhares de pessoas já passaram pela Providens, não sei nem as contabilizar; só no Projeto Providencia foram quase 50 mil crianças e adolescentes com vidas redirecionadas. Isso tem impacto; que a gente possa multiplicar tais efeitos; cada um ajudar do seu modo fazendo diferença na vida do outro. A primeira coisa é olhar com afeto, um olhar que não atravessa a pessoa, mas cheio de humanidade. Eu sou muito grata e feliz por ter a equipe que tenho e por estar com ela tentando fazer um pouquinho por pessoas que precisam tanto.

Maura Oliveira – Fale um pouco mais sobre isso, por favor.

Fernanda Martins - Muitas vezes, parte significativa da sociedade acha que quem vive nas comunidades, nas vilas, nas favelas são pessoas violentas. Venho, há muito tempo, tentando desconstruir esta visão preconceituosa, porque é injusta. Vamos ver, nelas, o tráfico em vários lugares, no bairro, nos novos acampamentos, vai ter assalto, vai ter violência como também acontece em

bairros “bons”, em casas verticalizadas. Mas, eu já vi família que não tem nada, absolutamente nada, somente um barracão de madeirite ou de lona, onde há um campeão de judô. Nós temos campeões de judô mineiros. Em outra família, há um menino ou menina que toca violino maravilhosamente, um enorme talento. E quando você entra naquela casa que não tem nada, vê que ela tem amor, tem a fé dela, ela tem esperança, ela nos dá motivação; a criança pula no seu colo, traz aquela alegria e fala: “Que bom que você está aqui”. Não há palavras para dizer do nosso sentimento. Que a gente aprenda com essas pessoas esta generosidade, essa resiliência de quem não tem nada, que sobrevive, sorri, continua, não desiste e tem esta felicidade no coração. Acho que temos de aprender um pouco disso, porque tem muita gente que tem muita coisa, ou que tem tudo e, às vezes, não consegue ser feliz. Que a gente possa aprender nas comunidades esta riqueza. Ver ali a coisa mais preciosa do mundo, da vida: o afeto, o amor. É o que encontro, todo dia, no meu trabalho. Muitas vezes, a gente olha e não vê nada; mas, prestando atenção, observa-se esta riqueza humana.

Maura Oliveira – Como tem sido o trabalho da Providens com os idosos?

Fernanda Martins – Os idosos constituem um outro público que merece atenção muito especial da Providens, através dos seus programas de proteção e acolhimento. Para eles, a instituição mantém uma ILPI – Instituição de Longa Permanência de Idosos, a Casa Santa Zita, no bairro de Lourdes, em frente à Igreja da Boa Viagem, em Belo Horizonte e a Casa de Francisca.

Na Casa Santa Zita, estão sobreviventes de trabalho doméstico em situação de escravidão, muito comum na capital mineira e em várias partes do País. Famílias abastadas iam às regiões mais pobres do Estado, como o Vale do Jequitinhonha e o Norte de Minas e, ali, recrutavam meninas de 10, 12, 13 anos para servi-las em Belo Horizonte, mediante promessa de salário, vida melhor e estudo. Poucas vezes esses benefícios se confirmavam. Quase sempre, ou na maioria das vezes, as jovens apenas trabalhavam, sem folga, sem dinheiro para regressar ao lar, sem nada.

Ao envelhecerem, sem força para o trabalho, eram simplesmente abandonadas à própria sorte nas ruas da cidade e, aos poucos, foram se aglomerando nos jardins da Igreja de Boa Viagem. Um pároco apiedou-se delas e, com o apoio do bispo acolheu-as na, hoje, Casa Santa Zita (santa protetora das domésticas), onde recebem carinho, atenção, assistência médica e de onde podem sair para passear, fazer compras, visitar amigos, levando vida normal. São mulheres fortes. Nunca tiveram direito a descanso, sofreram muita violência e, hoje, são mulheres alegres, algumas centenárias, felizes. Não sabemos de onde vem tanta força que demonstram. A ideia é que tenham uma vida normal, sendo

merecedoras da devida atenção e carinho, pois não têm família, estão sozinhas no mundo. Na linha de prevenção da velhice desamparada, o Projeto Providência, com o apoio da PUC Minas, desenvolve o programa Tecendo Proteção, para evitar o albergamento solitário de trabalhadoras idosas. Nesse sentido, os patrões são contatados e sensibilizados para dar-lhes valor e acolhimento, lembrando-os do quanto a pessoa fez parte da vida da família e do quanto de história de todas ela guarda na memória. O que buscamos é fortalecer os vínculos familiares trabalhando na valorização da memória ancestral, e na linha de aproximação de crianças e jovens com os idosos das famílias, mostrando que também eles são atores sociais importantes para a comunidade, e o quanto pode ser rica uma interação intergeracional. É fundamental, também, proteger os idosos da violência que pode ser física, patrimonial, psicológica e a negligência. No âmbito do Providens, o exemplo é sempre dado: no aniversário de 100 anos de uma idosa da Casa Santa Zita, parte da orquestra de 250 crianças da Instituição alegrou as comemorações. A festa foi um presente do Projeto Providência e beneficiou todas as suas companheiras com um momento de muita alegria e musicalidade.

Maura Oliveira – Sei que vocês trabalham também com a população em situação de rua, um dos dramas mais pungentes de nosso País. Como é a atuação neste seguimento?

Fernanda Martins – Lembro-me de uma senhora, dona Madalena, que hoje está conosco na Casa Santa Zita. Ela morou 30 anos nas ruas e, quando nos encontrou já estava com 80 anos! São pessoas, assim, que acolhemos todo dia na Casa de Apoio: gente extremamente vulnerável, que recebemos na Acolhida Solidária. Muita gente que nos visita fica emocionada demais, ao ver o que ali ocorre, e até os funcionários. Eu tenho a alegria de trabalhar na Providens, no Vicariato Psicossocial da Ação Social, em cujo âmbito está a Pastoral de Rua, aqui de Belo Horizonte. A Pastoral agiu decisivamente na criação dos restaurantes populares com atendimento alimentar importante para quem vive nas ruas. A Providens – que só existia em embrião naquela época, viveu fértil experiência na criação de políticas públicas para a população de rua de BH. Precisamos lembrar que durante a pandemia da COVID-19 o único lugar que não fechou as suas portas para moradores em situação de rua e vítimas de violência foi a Providens, foi a Pastoral da Arquidiocese. A gente conseguiu fazer ali um trabalho na Serraria Souza Pinto, junto com a Pastoral Nacional de Rua, atendendo 850 pessoas, todos os dias. Atendimento a pessoas vulneráveis, mas invisíveis aos olhos da sociedade, cuja presença nas ruas só tem crescido, infelizmente.

Maura Oliveira– **A gente vê que os viadutos voltaram a ser casa pra muitas pessoas, hoje em dia.**

Fernanda Martins – Sim é o que ocorre.

Maura Oliveira – **Uma vez fiz um trabalho de extensão com meus alunos da PUC no Morro do Papagaio. Eles, que nunca tinham pisado numa favela, viram o quanto gente é igual por todo lado e ficaram muito sensibilizados e atentos ao que aprenderam.**

Fernanda Martins – Eles não sabiam que elas eram pessoas como quaisquer outras. Aprenderam isso, o que já é muito bom. Viram que não há diferença entre uma criança moradora de rua ou uma criança que mora na favela e uma criança que mora num apartamento de classe média ou alta. Elas são iguais, dizem também o ECA e a Constituição Federal. Infelizmente moramos num País onde há uma imensa injustiça social, uma desigualdade social enorme, ilhas de pobreza. Desiguais são as condições de vida em que nascemos, os locais, os territórios; mas, a partir do momento em que cada um tem oportunidade, cada ser humano tem possibilidade de se desenvolver como qualquer outro. Nossa luta, portanto, é pela multiplicação de oportunidades de transformação e vidas.

Maura Oliveira – **Foi uma conversa emocionante e esclarecedora, professora, fique à vontade para complementar o que lhe parecer necessário e, muito obrigada!**

Fernanda Martins - Queria convidar todas as pessoas que quiserem conhecer a Providens para visitar-nos. É diferente eu falar e a pessoa ver por si mesma, ir lá. Seja voluntário(a), apoie ou ajude, como lhe parecer melhor. Acho essa troca muito importante. Hoje temos lá vários colégios agindo conosco: o Santa Maria, o Santo Agostinho, que acolheu a comunidade do Taquaril, a própria PUC Minas. São várias instituições desmistificando essa bolha social. É bom para quem vai, para as crianças e adolescentes, e para nossos olhos, testemunharem que ninguém é mais do que ninguém. Somos e estamos na mesma sociedade, ganhamos com a cultura um do outro, com a vivência um do outro. É uma troca. E isso é rico. Todo mundo ganha. Fica o nosso convite para entrarem em nossas redes sociais e começarem a nos conhecer, saber dos nossos serviços e somar conosco.